

# Interatividade, hipertextualidade e multimídia no processo de convergência da cobertura de protestos pelo coletivo Mídia Ninja

Maria Clara Aquino Bittencourt

## Introdução

No Brasil, 2013 será lembrado pelos protestos que tiveram início a partir de atos pela redução do valor das passagens de ônibus, em Porto Alegre/RS, e que acabaram espalhando-se pelo país e tendo seu conjunto de reivindicações ampliado<sup>1</sup>. Mas, diferente de manifestações anteriores, o barulho das massas não se limitou às ruas, partiu de *sites* de redes sociais, ganhando força através não só de mobilizações presenciais, mas, e talvez principalmente, através do Twitter e Facebook, e de grupos de comunicação *online* autodeclarados independentes, chamados aqui de *coletivos midiáticos*. A tensão nas ruas permeou as relações comunicacionais: meios e veículos de massa que já vinham perdendo o monopólio da narração (Malini e Antoun, 2013) agora concorrem pela atenção das audiências com mídias sociais e coletivos midiáticos, os quais pautam sua produção de conteúdo na colaboração e na convergência.

Essa conjuntura gera uma série de questionamentos sobre processos de produção, circulação e consumo midiáticos e demanda a atenção para novas práticas de organização, mobilização e comunicação oriundas da rotina de protestos. Esse texto reflete sobre a comunicação na sociedade contemporânea a partir da aplicação de três categorias ao processo de convergência da cobertura dos protestos feita pelo coletivo midiático Mídia Ninja. Parte-se do pressuposto de que o conceito extrapola aspectos técnicos referentes à reunião de formatos midiáticos em um único suporte, abrangendo também implicações sociais e culturais. A partir de uma categorização analítica do mesmo (Aquino Bittencourt, 2012) extraiu-se três categorias para pensar

a convergência na cobertura realizada pelo Mídia Ninja: interatividade, hipertextualidade e multimídia. A análise resulta de dados coletados de 30 de setembro a 13 de outubro de 2013, período em que atos pela melhoria das condições de trabalho dos professores tiveram destaque no Rio de Janeiro e em São Paulo. Foram analisadas as publicações sobre protestos publicadas no perfil no Twitter<sup>2</sup> e na *fanpage*<sup>3</sup> do coletivo com vistas a identificar a configuração dessas três categorias nas rotinas de cobertura dos atos. As observações são discutidas no item de cada categoria<sup>4</sup>.

## **Sobre convergência**

O presente contexto comunicacional reflete processos de convergência que concedem à tecnologia um papel fundamental. Porém, a atuação de atores diversos através de usos e apropriações de aparatos tecnológicos é o que rege processos de produção, circulação e consumo que se enquadram em um novo modelo de comunicação. Referente ao uso dessas tecnologias em mobilizações em rede verifica-se transformações que vão além das possibilidades tecnológicas (Toret, 2013), gerando novos comportamentos e hábitos sociais e culturais.

A tecnologia digital e as redes, segundo Grant e Wilkinson (2009), são o núcleo da convergência, ainda que, para eles, fatores organizacionais e sociais sejam de extrema importância na formação do conceito. Killebrew (2009) afirma que para entender a convergência é importante não apenas pensar no âmbito tecnológico, mas entender como as dinâmicas do processo passam de um modelo baseado no esquema um-todos para outro fundamentado na participação e no diálogo, e que o controle desse diálogo hoje, ora está na mão do emissor, ora na mão do receptor, que intercambiam-se de posição. Jenkins (2006) trabalha o conceito sob os vieses técnico, social e cultural e recupera a discussão sobre convergência revisitando autores como Pool (1983) e conceituando o fenômeno a partir de três eixos: o fluxo de conteúdos que circula por diferentes suportes midiáticos; a cooperação entre múltiplos mercados midiáticos; e o comportamento migratório dos consumidores que buscam experiências de entretenimento.

Na medida em que se proliferam as experiências colaborativas em processos de produção, circulação e consumo de conteúdos, ao mesmo tempo as interligações através de mídias diversas são cada vez mais comuns. Essas interligações permitem experiências que mesclam papéis e expandem possibilidades de interação, e que, assim, interferem na configuração de processos comunicacionais, criando a necessidade de reflexão sobre modelos de comunicação já consolidados. Partindo-se dessa necessidade de reflexão agrega-se a este referencial a ideia de *mídia de espalhamento*, apresentada por Jenkins, Ford e Green (2013), para pensar as mudanças estabelecidas através de usos e apropriações de tecnologias digitais que vêm alterando processos de produção, circulação e consumo pautados pela convergência.

Para os autores, o espalhamento se configura a partir de um emergente modelo híbrido de circulação, que mistura forças de cima e de baixo que determinam como o material é compartilhado através de diferentes culturas por formas mais participativas, configurando uma mudança de um modelo baseado na distribuição para um modelo baseado na circulação, onde os consumidores têm papel mais participativo. No entanto, é importante registrar que não se trabalha aqui com a ideia de substituição de um modelo pelo outro, pois percebe-se na verdade, um sobrepeso de *feedback* do que é veiculado na mídia tradicional quando esses conteúdos circulam também nas mídias sociais. Além disso, os usos das redes e mídias sociais nem sempre apontam para práticas comunicacionais mais democráticas e nem sempre contribuem para emancipação e ou politização dos indivíduos. As análises empreendidas trabalham com a noção de coexistência de modelos, a partir da percepção de fortalecimento do modelo baseado na circulação.

Quanto à convergência, o fenômeno se coloca praticamente como um pressuposto dessa noção de espalhamento, já que o que se percebe diante da proliferação de espaços e ferramentas é a constante circulação de conteúdos por canais diversos, concretizando os aspectos técnicos da convergência, em função da multiplicidade de formatos, bem como suas características sociais e culturais em função de práticas e hábitos pautados pela atuação coletiva.

### **Sobre o Mídia Ninja**

A atuação do Mídia Ninja é marcada pelo ativismo, e Malini e Antoun (2013: 23) abordam o ativismo midiático, do midialivrismo, afirmando que “o midialivrista é o hacker das narrativas, um tipo de sujeito que produz, continuamente, narrativas sobre acontecimentos sociais que destoam das visões editadas pelos jornais, canais de TV, emissoras de rádio e grandes conglomerados de comunicação”. Ao abordar a primavera valenciana, Toret (2013) aponta o crescimento de uma cultura de uso da comunicação como forma política, através dos vídeos feitos com celulares e *smartphones* que circulam pelas redes denunciando a violência por parte da polícia. Assim como aconteceu na Espanha, o Mídia Ninja vem distribuindo nas redes imagens do que se passa nas ruas. Essas imagens atuam, como explica Toret (2013), de forma viral, estimulando a extensão da indignação, dos protestos e da reação social. Além disso, o autor destaca que as mobilizações em rede são capazes de produzir uma *narração multicamada distribuída*, que perpassa espaços físicos e *online*, e que disputa a verdade dos fatos com outros atores midiáticos e institucionais.

O Mídia Ninja nasceu no Fora do Eixo, uma rede de coletivos culturais que já existe desde 2002. Mídia Ninja significa “Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação”, e o grupo vem cobrindo as manifestações de forma colaborativa a partir de mídias sociais e dispositivos digitais. Recentemente o coletivo protagonizou um

debate que retrata o impacto das apropriações das mídias sociais nos protestos pelo país. Entrevistados no programa Roda Viva, da TV Cultura, do dia 05 de agosto de 2013<sup>5</sup>, Bruno Torturra e Pablo Capilé, idealizadores do coletivo, foram questionados sobre o modelo de negócio da rede Fora do Eixo. Através de números e exemplos, os dois buscaram explicar para a bancada do programa a lógica horizontal que rege o trabalho da rede Fora do Eixo, na tentativa de instaurar formas mais colaborativas e democráticas de comunicação, através do uso de moeda própria em suas transações, da troca de recursos entre unidades espalhadas por vários estados e também através do uso de tecnologias digitais e dispositivos móveis na realização do trabalho colaborativo de cobertura. Posteriormente, a rede Fora do Eixo e coletivo Mídia Ninja foram debatidos em audiência pública em conjunto com a Comissão de Direitos Humanos e Legislação Participativa.

Ao longo do programa Roda Viva, as opiniões sobre o desempenho de um e de outro lado se multiplicavam<sup>6</sup> e a participação do Mídia Ninja no Roda Viva refletiu a necessidade de se pensar e discutir processos de produção, circulação e consumo de conteúdos midiáticos que diante de um contexto caracterizado pela presença crescente de novos atores e práticas marcados pelo uso das mídias sociais, fortalece e amplia as possibilidades comunicacionais dos movimentos sociais<sup>7</sup>.

Os próximos itens discutem as práticas do coletivo como componentes de um processo de convergência na cobertura sobre a atuação de movimentos e protestos, a partir da análise das três categorias.

## **Interatividade**

Nas coberturas feitas por coletivos midiáticos, o foco na interatividade deveria ser um dos principais diferenciais com relação à mídia de massa, mas nem sempre esse diferencial é significativo, pela maneira como a interatividade é explorada em alguns casos, como no do Mídia Ninja. Para abordar a interatividade na atuação do coletivo é importante antes abordar suas práticas de cobertura.

Os *sites* de redes sociais são o espaço ocupado pelo conteúdo produzido pelo Mídia Ninja. Grande parte desse conteúdo, além de textos e fotos, é audiovisual, produzido com dispositivos móveis, por pessoas que acompanham as manifestações nas ruas. Essa prática tem sido o principal instrumento de ação política do coletivo<sup>8</sup>. A produção e o espalhamento de vídeos através de *streamings*<sup>9</sup> e *twitcastings*<sup>10</sup> têm se fortalecido como forma de denúncia da violência excessiva cometida por parte da polícia, a partir da proliferação de vídeos com os momentos de truculência nas ruas que circulam pelas mídias sociais. A interatividade em torno desse tipo de produção é capaz de gerar correntes de conversação que podem, em alguns casos, reconfigurar os rumos das mobilizações. Recuero (2013) aponta que a divulgação nas redes sociais da repressão policial através de violência nos atos de 15 junho contribuiu para a escalada das manifestações nas ruas nos dias posteriores<sup>11</sup>.

Essa interatividade pode acontecer nos espaços de comentários em publicações no Facebook<sup>12</sup>, por exemplo, e de conversações geradas através de *tweets*. Tudo isso facilita a organização de atos a partir da agilidade de articulação movida pelas possibilidades de conexão através de diferentes dispositivos. As próprias origens de uma política de ação direta, que vai marcar as mobilizações tecidas em rede, estão pautadas pela interatividade, pois, segundo Malini e Antoun (2013: 41) são os grupos de discussão, lá do início da internet, que vão fundar essa política. “A partir dos grupos de discussão, a Internet já não está mais exclusivamente na mão apenas dos setores econômico, governamental, militar e universitário. Começa uma população a invadir”<sup>13</sup>.

Todavia, nem toda forma de interação se dá pelo diálogo e pelo debate, assim como a conexão e a velocidade na circulação de informações não significam, necessariamente, diálogo cooperativo e motivado à ação. Há, nesse sentido, que se atentar para a diferenciação entre interatividade e participação. Interagir com os conteúdos *online*, curtindo, compartilhando, retwittando e até mesmo comentando, configuram ações que diferem substancialmente da efetiva participação em determinados casos. Jenkins (2008) destaca essa necessidade de diferenciar as práticas, explicando que o computador oferece possibilidades de interação com o conteúdo e enfatizando o caráter técnico da interatividade; porém destaca o uso cada vez mais intenso da *web* como forma de participação na elaboração de conteúdos. Permitir a interação com os conteúdos é algo que está em um nível diferente no qual está a permissão para os consumidores participarem na produção e na distribuição. Dessa forma, a participação e o compartilhamento derivam da interatividade, pois ambas as ações pressupõem a interação do indivíduo com o conteúdo a partir das possibilidades técnicas das redes sociais e dos dispositivos utilizados nessas interações, ainda que configurem níveis diferentes de interação.

As observações no perfil do Twitter e na *fanpage* do Mídia Ninja permitem que se extraiam particularidades quanto à interatividade, participação e compartilhamento, pouco exploradas pelo coletivo em alguns momentos. O perfil no Twitter serve mais como um mural de divulgação de atividades do coletivo, atos e protestos de rua e *links* para transmissões ao vivo. Não há interatividade em termos de conversação por parte do perfil @MidiaNinja. Poucas vezes é publicado algum *tweet* em resposta a alguma pergunta, sendo que em quatro dos 14 dias analisados, nenhum *tweet* foi publicado. A interatividade, no caso do Twitter é gerada entre os seguidores, que através de *retweets* comentam e debatem os conteúdos publicados no perfil do Mídia Ninja. Na *fanpage* a produção de conteúdo se mostrou mais regular e apresentou publicações diárias, nas quais os comentários são abundantes assim como os compartilhamentos. Ainda assim, o coletivo pouco, ou quase nada, se manifesta nesses comentários, limitando essa interatividade dialógica a seus seguidores, que acabam debatendo apenas entre si, vendo-se desprovidos de um posicionamento ou mediação do coletivo.

A participação na produção de conteúdo se dá quando *links* de câmeras de indivíduos que transmitem das ruas são divulgados pelo coletivo. O compartilhamento feito por outros indivíduos não chega a ser uma participação efetiva, mas uma interatividade com o conteúdo que possibilita seu espalhamento. É desse compartilhamento no Facebook e no Twitter que conteúdos produzidos e replicados pelo Mídia Ninja circulam em grande parte pela visibilidade que o coletivo atinge a partir do seu número de seguidores. Para esses tipos de rede, o espalhamento depende fundamentalmente de práticas interativas que impulsionam a circulação ao mesmo tempo em que maximizam a visibilidade e o alcance das publicações. O número de seguidores também interfere diretamente nessa ampliação: enquanto que no Twitter, além da pouca atividade em determinados dias, o número de seguidores é de cerca de 24 mil seguidores, no Facebook, onde há regularidade na frequência de publicações, o número de pessoas que curtem a página chega a cerca de 225 mil<sup>14</sup>.

As práticas do Mídia Ninja têm potencial para alargar as oportunidades de interatividade e de participação. Porém nem sempre esse potencial se efetiva. Enquanto alguns participam ativamente dessas produções, ao colaborarem com o coletivo através do envio de imagens e informações que são postadas nos perfis do Mídia Ninja nas redes sociais; outros apenas consomem esses conteúdos visualizando-os e apenas isso; enquanto outros interagem entre si e com esses conteúdos, contribuindo para a ampliação de sua visibilidade ao compartilharem essas produções pela rede, mas não interferindo diretamente na produção.

Logo, participa da cobertura feita pelo Mídia Ninja o indivíduo que produz conteúdo e atua nas conversações estabelecidas nas redes do coletivo, podendo também compartilhar a produção colaborativa. Não deixa de fazer parte das dinâmicas interativas aqueles que acompanham, ainda que sem participar da produção, a cobertura, comentando, curtindo e replicando publicações veiculadas nas redes. Quanto ao próprio Mídia Ninja, sua atuação vem configurando-se como a de agregador desses conteúdos, construindo um conjunto de publicações a serem visualizadas, porém sem interferir nas conversações em torno das informações. Práticas de interatividade, participação e compartilhamento podem ocorrer em coexistência, na medida em que é comum que os indivíduos alternem comportamentos que variam entre curtir uma publicação e participar de um debate na linha do tempo da página de algum movimento até mesmo a participar efetivamente da produção de conteúdo, compartilhando links, fotos, vídeos e textos sobre as manifestações. O que é importante destacar é que nem sempre essas práticas se concretizam, pelo fato de que nem todos os indivíduos estão dispostos a participar da produção ou compartilhar conteúdo.

O que se observa das rotinas no perfil do Twitter e na *fanpage* do Mídia Ninja em termos de interatividade é um pouco menos do que pode ser aproveitado pelo próprio coletivo. Ao limitar-se em apenas divulgar conteúdos nesses dois ambientes,

ficando de fora das discussões nas redes, limita suas oportunidades de fortalecimento de seu posicionamento frente aos próprios conteúdos publicados. A interatividade, nas duas redes analisadas, se dá pela atividade dos seguidores, que a partir de diferentes níveis de interação movimentam uma rede de informações paralela aos conteúdos da mídia tradicional, mas que por vezes segue esse mesmo modelo distributivo.

## **Hipertextualidade**

A hipertextualidade é uma forma de organização do conteúdo baseada na não linearidade. Lévy (1993) e Lemos (2002) apresentam o conceito a partir da ideia de conexões entre informações diversas, pelas quais o indivíduo pode navegar livremente. Landow (2006) define como a ligação entre informações verbais e não verbais, destacando a possibilidade de múltiplos caminhos. Sobre as possibilidades que o hipertexto oferece na *web*, estão a de conectar diferentes linguagens e formatos midiáticos, bem como a da navegação não linear, que atua como pressuposto para a configuração de uma atividade hipertextual, e que carrega além do aspecto técnico da categoria, aspectos sociais e culturais, que se configuram a partir da navegação e das conexões estabelecida pelos indivíduos entre os conteúdos que compõem uma rede. Há também a potencialidade de criação coletiva, estampada nas mídias sociais e em diversas ferramentas que permitem a geração e a dinâmica de links entre conteúdos diversos pelo ciberespaço.

No caso do Mídia Ninja, essa criação coletiva por indivíduos espalhados pelas ruas que integram pontos diversos da rede se constitui como um organismo vivo e auto organizado, que utiliza as possibilidades de conexão entre os conteúdos como forma de ação política. Essa estrutura corresponde ao que Toret (2013) pontua como camadas conectadas. Essas camadas são baseadas em uma arquitetura de participação, e ele explica que a reprodução dessa malha entre espaço físico e espaço *online* se dá por um contágio tecnologicamente estruturado. As redes de informações criadas pelos ninjas e por aqueles que acessam os conteúdos constituem essa malha, constantemente redimensionada através das atividades hipertextuais de alocação e realocação de *links*.

Durante o período analisado, os *links* aparecem na maior parte das publicações do Mídia Ninja, no perfil no Twitter, acompanhando as mensagens em texto, e na *fanpage* no Facebook, divulgados junto com textos, fotos e vídeos. Esses *links* levam para transmissões ao vivo ou outros materiais de divulgação de protestos. No dia 3 de outubro, por exemplo, todos os *tweets* do Mídia Ninja foram *links* de transmissão ao vivo de protestos de indígenas. No Facebook, quando algum protesto está acontecendo num determinado dia, cada postagem divulga uma lista com diversos *links* de transmissões ao vivo, além das imagens e informações textuais.

Quando Jenkins (2006) discorre sobre a *cultura da convergência* identifica-se que, hoje, a atividade em torno de produtos midiáticos nada mais é do que a tecitura de

estruturas hipertextuais. Os processos de produção, circulação e consumo de conteúdos em torno das manifestações se expandem pelas redes e são flexibilizados pela hipertextualidade que se configura em dois níveis: primeiro sobre o próprio conteúdo, de várias mídias, que passa a ser interligado a partir de múltiplos *links* que se espalham pelas redes, conectando informações de vários formatos e estabelecendo trilhas de significação constantemente criadas e recriadas pela atividade de atores diversos que circulam e fazem os conteúdos circularem. Segundo sobre o próprio quadro midiático, ao gerar uma rede hipertextual de meios e formatos que *linka* conteúdos de origens diversas e que assim gera um espaço de fluxos orientado pela convergência a partir da interatividade permitida no ambiente digital. A interatividade do coletivo com seus seguidores em ambos os perfis é escassa, como se pode perceber. É a disponibilização dos *links* que abre espaço para que a interatividade se perfaça através de comentários e compartilhamentos, além das reestruturações da rede em termos hipertextuais a partir dessas interações. A forma como o Mídia Ninja trabalha com os *links* demonstra como o coletivo serve de ponto de partida para a constituição de trilhas hipertextuais que carregam a interatividade em torno dos conteúdos.

Essa gama de opções que se abre a partir da rede hipertextual de conteúdos de diferentes mídias que circulam pelo ambiente *online* ainda pode ser pensada sob a ótica da intertextualidade. Quando Jenkins (2006) aborda a convergência como um processo que ocorre nos cérebros dos consumidores individuais e em suas interações sociais, e quando Santaella (2004) expõe a prática estabelecida pelo leitor imersivo no ciberespaço ao navegar por diferentes textos, estabelecendo conexões e interpretações próprias, entende-se que as conexões entre conteúdos dispersos configuram um tipo de prática intertextual. De acordo com as teorias da intertextualidade, a transitoriedade dos textos se destaca, em contraste com a transcendência de qualquer conteúdo ou forma, aponta Jensen (2010), de forma que o sentido dos textos não se perfaz sozinho, mas no relacionamento com outros textos. Isso hoje é ampliado pelas possibilidades hipertextuais e multimídia e efetuado através das atividades de circulação e consumo nas redes, através da convergência entre meios e mídias. As intertextualidades sobre os acontecimentos referentes aos protestos movimentam as interpretações sobre as atitudes dos movimentos, de modo que as interações e as práticas de conexão e compartilhamento ditam os rumos das ações e decisões, tanto individuais quanto coletivas, na condução das atividades pelas causas e reivindicações.

A internet se consolidou como um meio ou instrumento capaz de quebrar o monopólio da narração da velha mídia, destacam Malini e Antoun (2013: 177), e uma das consequências dessa quebra foi a possibilidade de recontextualizar um fato, atualizando uma informação. “Não só os usuários podem conectar qualquer informação antiga que esteja na rede com uma atual, como eles podem determinar o alcance de uma informação atual, replicando-a por diferentes interfaces”. O papel do hipertexto nesse contexto de decisões é crucial para o entendimento sobre um



modelo comunicacional fundamentado na participação, na colaboração e no compartilhamento. A recuperação de informações a partir dos links auxilia em processos de decisões e retoma e amplia a visibilidade de conteúdos mais antigos, não deixando cair no esquecimento informações relevantes.

A conexão entre conteúdos é fundamental na lógica das mobilizações em rede, e no trabalho de cobertura colaborativa atua como motor de uma engrenagem que, movida pela coletividade, possibilita a tecitura de uma rede de conteúdos que forma as estruturas de um modelo de comunicação baseado na circulação e no espalhamento.

## **Multimedialidade**

A multimídia se relaciona intrinsecamente com a interatividade na relação estabelecida pelo indivíduo com o conteúdo, e por isso, parece ser, inicialmente, uma característica unicamente técnica da comunicação, por permitir a interligação de diferentes mídias e linguagens (Leão, 2005; Lévy, 1993). No entanto, provoca impactos sociais e culturais por estar atrelada à interatividade e por ser dinamizada pelas interações dos indivíduos com os conteúdos multimidiáticos e entre si. A exploração de conteúdos multimídia pelo Mídia Ninja é uma de suas principais estratégias de ação política. A produção distribuída de conteúdo gera a multiplicação de ângulos e pontos de vista, proporcionando o enfrentamento de posicionamentos dentro da própria rede e também em contraposição ao conteúdo de outros meios tradicionais. Esse fluxo de formatos diversos é potencializado pela interatividade e pela hipertextualidade gerenciadas pelos indivíduos que, ninjas ou não, ingressam nesse processo de espalhamento criando uma espécie de engrenagem entre as três categorias capaz de determinar a configuração da convergência midiática identificada nas atividades de cobertura sobre os protestos.

As práticas de cobertura dos ninjas são frequentemente realizadas a partir de transmissões ao vivo feitas a partir de dispositivos móveis de comunicação, como já dito, de modo que a multimídia é resultado de apropriações técnicas que reconfiguram interações e hábitos a partir de novas possibilidades de produção, circulação e consumo de conteúdos de formatos diversos. Durante o período observado, essas transmissões são recorrentes nas publicações no Twitter e Facebook – como já dito, no Facebook várias publicações apresentam listas de *links* de *streamings* ao vivo. No Twitter, dos 82 *tweets* publicados ao longo dos 14 dias observados, 53 continham *links* para transmissões ao vivo. As fotos também são muito exploradas, até mesmo em conjunto com as imagens em vídeo: postagens no Facebook permitem a inserção de uma imagem juntamente com *links* para vídeos e transmissões ao vivo. No Twitter, várias publicações em texto são acompanhadas de *links* para imagens no Facebook. A recorrência entre Twitter e Facebook é frequente e a pluralidade de formatos explorados pelo coletivo circula por ambas as redes a partir do espalhamento.

Castells (2003) menciona a tecnologia do *streaming* como possibilidade multimídia aliada à interatividade quando se vê o uso de *sites* que permitem espaços de *chats* para que os indivíduos possam interagir através de texto simultaneamente à veiculação de um conteúdo de áudio ou vídeo. A cobertura feita pelos ninjas também explora essa possibilidade, através dos *twitcastings*. Do dia 27 de junho até o dia 17 de setembro o Mídia Ninja já havia registrado em sua conta no TwitCasting<sup>15</sup> 222 vídeos de transmissões que foram realizadas ao vivo e divulgadas pelas redes do coletivo. A PósTV<sup>16</sup> é outro canal utilizado pelo Mídia Ninja, para transmissão de vídeos *online*, mas que surgiu antes do coletivo. Possui uma grade de programação previamente definida, mas que pode ser alterada em função dos acontecimentos. Vários temas são abordados nas transmissões, que veiculam não só transmissões ao vivo dos protestos, mas também outros eventos e acontecimentos, como audiências públicas, por exemplo. Twitcastings e conteúdos da PósTV apareceram em vários *tweets* e publicações no Facebook durante os dias analisados. As postagens divulgam o material e chamam os indivíduos para acompanharem as transmissões e debaterem acerca dos temas.

A diversidade de suportes e dispositivos para a geração e veiculação de conteúdo é um aspecto que fortalece práticas colaborativas de cobertura e produção, não só no caso das manifestações, mas em várias outras situações. A proliferação de suportes, dispositivos e formatos favorece o espalhamento no momento em que a multimídia é utilizada com base no processo de convergência, embasado não apenas da multiplicidade técnica, mas nas interações que se estabelecem em torno de imagens, áudios, vídeos e textos, pelas práticas de participação e compartilhamento.

### **Considerações finais**

Diretamente ligada à interatividade, a hipertextualidade agrega os nós da rede de publicações oriundas das interações em torno dos conteúdos veiculados e compartilhados pelo coletivo Mídia Ninja e seus seguidores. A multimídia se encontra em meio a estas categorias, como uma funcionalidade intrínseca ao ambiente digital e que é movida pelas atividades interativas e hipertextuais dos indivíduos que fazem parte da rede. A interdependência entre as categorias é identificada nas práticas que resultam no espalhamento dos conteúdos e que implementam a convergência na configuração de um modelo híbrido de circulação, que se perfaz em coexistência com um modelo de distribuição, mas que ainda carrega algumas marcas das práticas de massa.

A convergência auxilia na ampliação de fluxos informacionais, porém é preciso considerar variáveis sociais, políticas, econômicas e culturais que interferem na adoção e na incorporação cotidiana de atividades comunicacionais baseadas na colaboração e no engajamento; por vezes acelerando, por vezes retardando o

fortalecimento desse modelo híbrido de circulação. O Mídia Ninja tem atuado a partir de tais princípios e utilizado as tecnologias e ferramentas digitais como instrumento político, na constituição de uma cobertura focada na narrativa das ruas como forma de instituir práticas mais democráticas de comunicação. No contexto das mobilizações sociais em rede, sua contribuição é significativa para a constituição de um modelo de comunicação calcado na convergência e no espalhamento como elementos constituintes de novas formas de produção, circulação e consumo de conteúdos. No entanto, o coletivo ainda carece de visibilidade suficiente, diante da representatividade de veículos de massa, para que suas estratégias comunicacionais contribuam para a consolidação desse modelo de comunicação que se pretende distinto daquele instituído com base na unilateralidade e que seja orientado por ideias de transformação social e política. Seguir o caminho nessa direção indica que potencialidades da internet, como a interatividade, ainda precisam ser mais e melhor exploradas para o fortalecimento desse modelo ainda em desenvolvimento.

*Maria Clara Aquino Bittencourt*  
Pós-doutoranda em Ciências da Comunicação pela  
Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).  
aquino.mariaclara@gmail.com

Recebido em novembro de 2013.

Aceito em fevereiro de 2014.

### **Notas**

1. Os primeiros atos contra o aumento da tarifa começaram em 2012, em Natal/RN. Em fevereiro de 2013 aconteceram mobilizações em Porto Alegre/RS, Belém/PA, Curitiba/PR, Brasília/DF, Rio de Janeiro/RJ, São Paulo/SP e Salvador/BA. A capital gaúcha se destacou pela intensificação dos protestos em março, quando o valor da passagem foi reduzido via liminar. Mas, os atos continuaram, pois a decisão poderia ser revogada. Em junho, os protestos se espalharam e centenas de cidades tiveram suas ruas ocupadas por pessoas que diziam que os motivos das manifestações já não era mais apenas R\$ 0,20 centavos. Causas diversas ampliaram as reivindicações, como a luta contra a aprovação da PEC 37, o fim da criminalização dos movimentos sociais, melhorias na saúde, na educação e nas condições de trabalho de professores, as obras da Copa, o fim da corrupção, entre outras. No momento da produção deste texto, outubro de 2013, os protestos continuam acontecendo e ganhando o impulso das redes.
2. Nos 14 dias observados foram coletados, no perfil do Mídia Ninja, 82 *tweets* referentes aos protestos que aconteciam no país: <http://twitter.com/midianinja>
3. Nos 14 dias observados foram coletadas 144 publicações na *fanpage* do Mídia Ninja, referentes aos protestos que aconteciam no país: <https://www.facebook.com/midiaNINJA>

4. O período de análise foi definido aleatoriamente, já que o objetivo não foi realizar uma análise dos conteúdos das publicações, mas sim de características referentes às três categorias enunciadas.

5. <http://goo.gl/pcWF4j> Acesso em 18/09/13

6. Em 12 de agosto a *fanpage* do Fora do Eixo publicou nota com esclarecimentos em resposta a várias acusações que circularam pelo Facebook: <http://goo.gl/zQnvM6>

7. Castells (2012) aborda novas formas assumidas por movimentos sociais nos últimos três anos, a partir de redes de comunicação autônoma. O exercício de um contrapoder por parte desses movimentos se dá através de sua autoconstrução via comunicação autônoma. A trajetória dos movimentos que deflagraram os recentes protestos é marcada por demandas e formas de mobilização já conhecidas de outras décadas, mas seus processos comunicacionais vêm sofrendo transformações capazes de influenciar a própria continuidade do movimento.

8. Em tempos de vídeo *online*, Pavlik (2008), considera necessário repensar a denominação dos receptores de conteúdo, já que para ele não apenas mais se assiste a um vídeo, assim como não mais apenas se lê um jornal. Pavlik (2008) opta pelo uso dos termos usuário e produtor, já que o vídeo tem se tornado um produto mais ativo e interativo.

9. Forma de distribuição de conteúdo multimídia através de pacotes. O conteúdo é reproduzido à medida que chega para o usuário, que não o armazena.

10. Formato de *transmissão* ao vivo de vídeo que pode ser feito gratuitamente através de celular.

11. Fato semelhante já havia acontecido em 2011, durante o 15M, na Espanha. Quando da tomada da praça Puerta del Sol, Toret (2013) explica que a divulgação nas redes sociais de imagens que mostravam ações violentas por parte da polícia contra os manifestantes estimularam a adesão de mais pessoas à ocupação. “El sistema red autoorganizado nace y se amplifica por el *feedback* negativo (represivo) del poder, haciendo que más gente simpatice por conmoción y la unión por empatía con los ‘desalojados’.”

12. Cabe destacar que diferente do Twitter, as publicações no Facebook ficam restritas aos limites desse *site* de rede social.

13. Os autores recuperam o histórico de desenvolvimento da internet baseados na perspectiva da liberdade de acesso à informação, resgatando *softwares* de compartilhamento de conteúdos como o Napster e a cultura do *software* livre como formas de resistência às lógicas capitalistas de mercado ao longo dos anos 1970 e 80. Nesse sentido, a constituição do Mídia Ninja e seus esforços de efetivação de práticas mais democráticas de comunicação não configuram um novo modelo de comunicação. As ações do coletivo seguem a mesma linha de resistência que nasce junto com a internet e explora as possibilidades interativas da rede com o objetivo de fortalecer um modelo de comunicação baseado na colaboração e no compartilhamento.

14. Os números foram levantados no dia 01/11/13.

15. <http://goo.gl/FhJv4c>– Acesso em 17/09/13.

16. <http://goo.gl/bSyTND> Acesso em 17/09/13.

## Referências bibliográficas

- AQUINO BITTENCOURT, M. C. *Convergência entre televisão e web: proposta de categorização analítica*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2012. 210p.
- CASTELLS, Manuel. *A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Networks of outrage and hope: social movements in the internet age*. Politik. Wiley, 2012.
- GRANT, August E. e WILKINSON, Jeffrey S. (Eds.). *Understanding Media Convergence: the state of the field*. New York: Oxford University Press, 2009.
- JENSEN, Klaus Bruhn. *Media Convergence: the three degrees of network, mass, and interpersonal communication*. New York: Routledge, 2010.
- JENKINS, Henry. *Convergence Culture: Where Old and New Media Collide*. New York: NYU Press, 2006.
- \_\_\_\_\_; FORD, Sam e GREEN, Joshua. *Spreadable media: creating value and meaning in a networked culture*. New York: New York University, 2013.
- KILLEBREW, Kenneth C. Global Aspects of Convergence. In: GRANT, August E. e WILKINSON, Jeffrey S. (Eds.). *Understanding Media Convergence: the state of the field*. New York: Oxford University Press, 2009.
- LANDOW, George P. *Hypertext 3.0: critical theory and new media in an era of globalization*. Maryland: The Johns Hopkins University Press, 2006.
- LEÃO, Lúcia. *O labirinto da hipermídia: arquitetura e navegação no ciberespaço*. São Paulo: Editora Iluminuras Ltda., 2005.
- LEMONS, André. *Cibercultura. Tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2002.
- LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.
- MALINI, Fábio e ANTOUN, Henrique. *#Internet e a rua, A - Ciberativismo e mobilização nas redes sociais*. Editora Sulina: Porto Alegre, 2013.
- PAVLIK, John. *Media in the digital age*. New York: Columbia University Press, 2008.
- POOL, Ithiel de Sola. *Technologies of Freedom*. Harvard College. Library of Congress Cataloging in Publication Data, 1983.
- RECUERO, Raquel. *ARS: a escalada dos protestos no Brasil*. Disponível em: <http://www.raquelrecuero.com/arquivos/2013/06/ars-a-escalada-dos-protestos-no-brasil.html>. 2013
- SANTAELLA, Lucia. *Navegar no ciberespaço. O perfil cognitivo do leitor imersivo*. São Paulo: Editora Paulus, 2004.
- TORET, Javier. *Tecnopolítica: las potencias de las multitudes conectadas. El sistema red 15M, un nuevo paradigma de la política distribuida*. IN3 Working Paper Series. Internet Interdisciplinary Institute (IN3) of the UOC IN3 Working Paper Series (2013) | ISSN 2013-8644 | <http://in3wps.uoc.edu>

## **Resumo**

Discutem-se apropriações das mídias sociais na comunicação sobre os protestos de 2013, no Brasil, através de uma análise sobre as práticas de cobertura dos protestos pelo coletivo Mídia Ninja, através de três categorias de convergência: interatividade, hipertextualidade e multimídia. A argumentação é construída a partir da problematização sobre a coexistência do modelo de comunicação da mídia tradicional, baseado na distribuição, com um modelo híbrido e emergente, baseado em circulação de conteúdos.

## **Palavras-chave**

Mídias sociais. Convergência. Interatividade. Hipertextualidade. Multimídia.

## **Abstract**

This paper discusses social media appropriation on communication about the 2013's protests, in Brazil, through an analysis about coverage practices by Mídia Ninja, through three categories of convergence: interactivity, hypertextuality and multimidity. The argumentation is constructed from a problematization about the coexistence between traditional communication model, based on distribution, and a hybrid and emergent model, based on circulation of contents.

## **Keywords**

Social media. Convergence. Interactivity. Hipertextuality. Multimidity.